

ARTIGO

O ESPELHO QUEBRADO DA CARA DO BRASIL

Hamilton Pereira
Especial para o Correio

Brasília é o espelho quebrado da cara do Brasil. Com a beleza e as disformidades de um país profundamente dividido e de uma sociedade baseada na exclusão. Tenho formulado esta reflexão quando indagado sobre a identidade cultural da nossa cidade. O tempo — um tempo que não se mede em décadas — é um ingrediente indispensável na constituição da identidade cultural de uma cidade. Tenho acompanhado com interesse o debate suscitado pelo Correio, há já um ano, sobre a cultura brasiliense, particularmente a literatura. Essa é uma discussão ociosa, em grande medida. Se por um lado, o contexto social, histórico, geográfico — Lezama Lima dizia que o único fator realmente criador de uma literatura é a paisagem... — é de suma importância, por outro há um elemento inescapável: o talento. Daqui há alguns dias estaremos anunciando os resultados da Bolsa Brasília de Produção Literária que lançamos o ano passado. A Comissão escolheu os melhores. O público julgará.

Há um debate necessário sobre cultura que começa a percorrer o país. E temos todos nós que intervir nele, abrindo novas possibilidades de entendimento do processo cultural neste fim de século. Brasília vive hoje um rico processo cultural que escapa às iniciativas da esfera pública, embora não possa ser compreendido sem ela.

Neste país qualquer discussão que aborde o tema cultura esbarra na questão da escolaridade. Estamos vivendo no Distrito Federal uma experiência de políticas públicas em que a educação deixou de ser prioridade para se converter em obsessão. Um esforço dessa natureza frequentemente escapa ao observador desatento, mas produz um efeito de curto, médio e longo prazos de importância fundamental no processo cultural da cidade.

Em uma das opiniões emitidas na ampla reportagem de balanço que o Correio estampou no último fim de semana, alguém dizia algo assim: "O Secretário de Cultura passou a derramar-se sobre a Mala do Livro". Os sertanejos não costumam se derramar da vasilha... Creio que seria importante para desvendarmos os fios condutores dos processos culturais que ocorrem hoje no Distrito Federal, que o Correio se detivesse sobre o Projeto Mala do Livro. E pudéssemos aprimorar uma iniciativa que já instalou 509 minibibliotecas domiciliares a partir de uma campanha que recolheu algo em torno de 300 mil livros que estavam concentrados no Plano Piloto, no Lago Sul, no Lago Norte e que hoje estão postos à disposição dos cidadãos. Essa é uma experiência de baixo custo — o trabalho das agentes comunitárias de leitura, a maior parte delas donas de casa, é voluntário —, que envolve a sociedade para pôr ao alcance dos cidadãos comuns essa mercadoria cara no Brasil: o livro.

Por fim, para que não fiquemos absorvidos em torno da questão se existimos ou não, e passemos ao largo do debate que vai ganhando corpo em diferentes centros do país, propondo um esforço no sentido de discernir o papel dos intelectuais, dos artistas, dos criadores ou sistematizadores do universo simbólico com que lidamos. Para que não resvalemos na ilusão intelectual das soluções assépticas e bem pensantes, é útil nos determos na redefinição das relações entre os trabalhadores da cultura e a sociedade nacional, particularmente com os trabalhadores organizados, sem os quais não há saída possível para o país. Mas é indispensável buscar os caminhos para o diálogo com a imensa maioria dos trabalhadores brasileiros — os excluídos. Do emprego regular, da carteira de trabalho, da moradia, dos serviços de saúde, educação, cultura, transporte, segurança pública. O vasto universo em que vivem milhões de brasileiros está por ser escrito, para reatar o laço entre os artistas e a estética que deriva dos dramas vividos por nossa gente.

■ Hamilton Pereira é secretário de cultura do GDF.